

Entrevista e Palestra/Conferência de Paulo Freire às margens do Velho Chico, nos idos de 1986...

Maria de Fátima Mota Urpia¹

A Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, em edições referentes aos anos de 2014 e 2017, compartilhou com seus leitores duas entrevistas de Paulo Freire, por meio dos textos: Diálogos com Paulo Freire em Juazeiro, Bahia: recordações de abril de 1983 e O partido político como pedagogo - testemunhos vivos de suas andanças nas terras baianas de Juazeiro e Vitória da Conquista, na década de 1980. A primeira, nos fora confiada por Luiz Gonzaga Gonçalves e Joaquim Ribeiro de Araújo, membros da equipe diocesana da pastoral e por Marta Luz, jornalista da Rádio Juazeiro; a segunda, mais um presente de uma outra testemunha dos feitos de Freire, José Carlos Duarte, militante do Partido dos Trabalhadores, um dos jornalistas que pontuaram a entrevista.

Nesse ano de 2020, tempo em que a terra parou, em que pessoas do planeta inteiro resolveram que ninguém ia sair de casa, como cantava o visionário baiano, Raul Seixas – ano da pandemia do Corona Vírus, “véspera” dos cem anos de vida de Freire, eis que nos chega mais um presente: a fala do mestre aos ouvintes do Programa Semeando a Verdade, da Emissora Rural de Petrolina, Pernambuco e uma Conferência/Palestra proferida no Centro Catequético Diocesano, em Juazeiro, Bahia. Outras relíquias guardadas pelo Professor Luiz Gonzaga, frutos das andanças de Freire em terras baianas/pernambucanas, naquele 1986.

No esforço de que essas falas pudessem ser disponibilizadas pela Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, junta-se a nós a jornalista Cris Angelini, à época, participante da Campanha de Educação, voluntária na Diocese de Juazeiro/Bahia.

Nesse movimento, como que nos transportando àqueles tempos, Luiz Gonzaga e Germana Alves de Menezes nos trazem o texto **Paulo Freire no Boletim Caminhar Juntos da Diocese de Juazeiro, Bahia: maio de 1986** e Cris Angelini **A multiplicação dos pães e das letras: a generosidade que levou Paulo Freire a Juazeiro.**

Em seguida, apresentamos as falas de Freire na Palestra/Conferência e na Entrevista, transcritas pela equipe diocesana, conforme foram publicadas no **Caminhar Juntos**, Informativo Diocesano. Antes da entrevista, D. José Rodrigues de Souza dissera aos ouvintes: “Pedimos a Paulo Freire que falasse sobre o que achava mais importante de se fazer nesse tempo que estamos vivendo” e, como se fosse um pedido para os tempos de agora, dentre tantas outras reflexões, nos diz Paulo Freire: “A gente olha a realidade e vê os vultos da realidade, mas não vê a realidade tal qual ela funciona. A gente tem a impressão de que está

¹ Professora aposentada, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Editora da Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos. E-mail: fatimaurpia@hotmail.com

conhecendo a coisa, mas não está conhecendo a coisa, porque a gente está vendo o vulto da realidade e não a realidade como ela é [...]” - As lutas que estamos a travar, exige de cada um de nós esse desvelamento!

Esperamos que você, nosso leitor e você nossa leitora, possam ir até à beirada do São Francisco escutar o mestre Paulo Freire! Por fim, nossos mais sinceros agradecimentos ao Luiz, à Cris, à Germana e aos filhos de Freire que, certamente, comemoram conosco a publicação dessas relíquias na Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos – edição de 2020.

Paulo Freire no Boletim Caminhar Juntos da Diocese de Juazeiro, Bahia: maio de 1986

Luiz Gonzaga Gonçalves²
Germana Alves de Menezes³

Paulo Freire retornou a Juazeiro, Bahia, em abril de 1986, onde ficou durante quatro dias. Era sua terceira vinda, desde abril de 1983, à serviço da formação promovida pelo bispo D. José Rodrigues de Souza e por sua assessoria do campo da educação popular. Daquela vez, havia educadoras e educadores populares de diferentes regiões da Bahia.

Deve ser lembrado que Paulo Freire estava chegando aos seus 65 anos de idade e sua vinda ao semiárido baiano testemunhava seu compromisso com o fortalecimento dos movimentos populares nas regiões mais empobrecidas e exploradas do país. Na Conferência que apresentou no Centro Catequético Diocesano destacou sua exaustão física e mental, de modo que não houve um segundo momento da conferência para ouvir os educadores, as educadoras e agentes de pastoral ali presentes.

Considerando a idade avançada do educador, seria a região do Vale do São Francisco tida como estratégica para as transformações sociais esperadas no país, com o fim da ditadura militar? Em um país imenso, como o Brasil, por que Juazeiro, Bahia? Não parecia ser estratégica a preocupação do educador pernambucano ao se deslocar a Juazeiro. Sua contribuição, como diria Regina Novaes (1990:11), ia no sentido de contribuir para que as lutas sociais se dessem a conhecer amplamente, uma vez que, para ele a teoria nascia da prática e os sentidos políticos, as escolhas a realizar configuravam tarefas dos sujeitos populares e incentivadas pelo educador comprometido.

O que podemos, então, pensar a partir do que está registrado da Conferência de Paulo Freire no Centro Catequético Diocesano? O que

² Professor Titular, aposentado, da Universidade Federal da Paraíba, voluntário junto ao Programa de Pós-Graduação da Educação, da linha de Educação Popular, na mesma Instituição.

³ Professora, Doutora, do Departamento de Educação, Campus III, da Universidade Estadual da Paraíba.

considerar a respeito do breve recado que o educador Paulo Freire deixou para os ouvintes da Emissora Rural de Petrolina, no espaço reservado à Diocese de Juazeiro? Há, ali, orientações político-pedagógicas que transcendem a década de 1980 e nos ajudam a pensar os desafios atuais de uma educação para a emancipação humana e social? Quem são os sujeitos e as tarefas mais importantes para o conferencista? Será possível identificar pistas para enfrentamentos recentes, considerando que a extrema direita e os defensores da ditadura militar tiveram êxito junto à população brasileira nas disputas para a presidência da República e na Câmara dos Deputados e no Senado Federal?

Importa lembrar que, na década de 1980, os países da América Latina estavam mais empobrecidos do que no final da década de 1970, expostos brutalmente às cobranças estabelecidas pela ordem econômica internacional, arcavam com uma dívida externa sem precedentes na sua história. Por outro lado, as ditaduras chegavam ao seu esgotamento completo, abrindo-se a um processo ambíguo de transição democrática, conquistado com muitas lutas e sacrifícios.

Os trabalhos das pastorais sociais em áreas periféricas e esquecidas do país, naquela década, faziam emergir o que podia ser considerado como espaços de visibilidade de uma sociedade civil paralela, estranha, ausente da pauta dos interesses e serviços do Estado (Sposati, 1989, 11). Os novos tempos que se desenhavam davam mostras de que existia um chão de lutas significativo, notadamente no meio rural nordestino. O grande desafio que despontava dizia respeito a uma abertura das comunidades eclesiais de base a mediações políticas autônomas, como o sindicato, os partidos políticos. O contexto incluía esses desafios quando Paulo Freire retornou a Juazeiro pela terceira vez.

O ano de 1986 já dava notícias das esferas das lutas políticas mais importantes, nas quais as classes dominantes de sempre lutavam para uma recomposição de suas forças e direção das mudanças políticas, econômicas e sociais que se impunham com o fim da ditadura militar. Por outro lado, importava avançar no fortalecimento de frentes políticas capazes de canalizar as aspirações e projetos de interesses dos setores organizados da sociedade, tendo como horizonte uma sociedade democrática e de direitos. Para as chamadas igrejas da base que tinham como referência comum os documentos pastorais latino-americanos, viver a fé cristã impunha reivindicar os direitos dos oprimidos. Isso passava pela defesa da terra para quem nela trabalhava, pela luta sindical, pela melhoria dos sistemas de saúde pública, por uma participação substantiva dos empobrecidos nos destinos de sua comunidade, de seu município, de seu país.

Em sua conferência naquela noite do dia 19 de abril de 1986, Paulo Freire abriu um diálogo sobre os compromissos com a educação, através de um elogio às virtudes do educador, da educadora. Aqui, cabe lembrar o que bem destacou Pierre Furter (1975:3): não há como haver renovação em educação sem passar por uma renovação da sociedade. No caso, uma postura política se impunha, não genericamente, mas aberta ao contexto que os educadores e educadoras enfrentavam naquele momento fundamental da redemocratização do país.

Paulo Freire apontava, naquela noite, pelo menos 8 virtudes. Antes de abordá-las, porém, lembrava que virtude é criação humana forjada na prática, de forma consciente. Refutava a ideia de virtude como

espécie de presente que vem ao nascer, ou dádiva recebida de outra pessoa. O clima de ação político-pedagógica era otimista, afinal a ditadura militar tinha sido levada ao seu esvaziamento em grande parte pelas muitas frentes das lutas dos movimentos sociais e populares. Ainda assim, o educador começava a discorrer sobre a **coerência**, como qualidade do educador, da educadora progressista: importava “diminuir a distância entre a fala e a prática”. Sugeriu que a coerência se impunha aos homens e mulheres, aos educadores e políticos, como um passo em direção ao novo, esperado. Paulo Freire apontava que a busca por um país mais democrático e justo se constrói com o cultivo de diferentes virtudes ou qualidades, de tal maneira que, como artesãos habilidosos possamos chegar a um tecido virtuoso que nos transforme o tempo todo e às estruturas da sociedade.

Como o leitor, a leitora poderá ver ao ler a Conferência e o áudio que Paulo Freire deixou gravado ao programa de rádio: o que acumulamos com nossa docência, com nossas pesquisas, leituras e diálogos acadêmicos ganham validade quando somos capazes de tomar posição diante dos fatos que afetam a vida e o destino de muitos, dos que não têm oportunidades. As nossas virtudes ganham sentido quando nosso projeto é sincero e não medimos esforços para superar os enganos que insistem em nos esconder o que realmente importa: os saberes necessários para criar uma sociedade humana liberta de todo tipo de opressão e dissimulações.

Esperamos que esse reencontro com Paulo Freire, já bastante próximo do centenário do seu nascimento, nos reanime e nos encoraje para não desistir jamais.

Referências

- Furter, P. (1975). Prefácio, in Freire, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 5ª edição. Rio de Janeiro, Paz Terra.
- Novaes, R. C.R. (1990). Teoria e Prática. In **Tempo e Presença**. Rio de Janeiro, Cadernos do CEDI. Nº 250. Ano 12, mar-abr.
- Sposati, A. (1989). Assistência social e a trivialização dos padrões de reprodução social. In Sposati, A. et. al. **Os direitos dos (desassistidos) sociais**. São Paulo, Cortez.

A multiplicação dos pães e das letras: a generosidade que levou Paulo Freire a Juazeiro

Cris Angelini⁴

“Quando eu aprender a ler, dona menina, vou ler todo esse jornal que guardo aqui”. Foi em janeiro de 1980 que eu ouvi isso em “Genipapinho”, povoado de Campo Alegre de Lourdes, bem no interiorzão da Bahia. O homem que me falou do desejo de aprender a ler sabia que eu tinha ido para ficar na região por apenas 30 dias.

⁴ Maria Cristina Angelini - Jornalista e mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero (2014). Foi voluntária na Diocese de Juazeiro/Bahia 1980/1984.

A Igreja de Americana, que eu frequentava é coirmã da Diocese de Juazeiro. E eu fazia parte da Campanha de Educação. O objetivo era reforçar o ensino das crianças que, na época, tinham como professora uma leiga. Os leigos não tinham instrução suficiente, não tinham conhecimento técnico, pedagogia ou didática. Eram pessoas sempre de muito boa vontade, que repartiam o pouco conhecimento que adquiriram a duras penas ao longo da vida.

Era uma época em que a Igreja Católica trabalhava com pastorais, cumprindo um papel de assistência social, agente de saúde, educadora e muitas vezes, advogada. Época da Teologia da Libertação, que se propunha a dar aos mais necessitados instrumentos para que eles trabalhassem nessa libertação e não o assistencialismo político.

E a Diocese de Juazeiro, na Bahia, praticava a Teologia da Libertação, com pastorais tocadas por agentes comunitários das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Eu era uma dessas agentes, movida pela esperança de mudar a sociedade e fazer deste mundo um lugarzinho mais justo. Encontrei no trabalho com as CEBs meu jeito de agir.

Tomei a iniciativa de fazer o primeiro censo de “Genipapinho”. Eram 242 habitantes. A maioria só sabia o suficiente para assinar o nome e, assim, garantir mais um título de eleitor. Resolvi dar aulas para alguns adultos. As salas eram reservadas para as crianças durante as manhãs e as tardes. Restavam apenas algumas noites.

Eu também não tinha nem pedagogia, nem didática de cátedra. Paulo Freire (1921-1997) era a minha inspiração. Eu tinha lido “Pedagogia do Oprimido” e sabia um pouco sobre o método de alfabetização do professor. Ousada, apliquei o que eu sabia do método para esses adultos. As aulas eram animadas e os educandos muito atentos, curiosos e interessados. E, claro, com uma vontade gigante de aprender. Trabalhavam o dia todo na roça, num calor de 40 graus. A água era pouca. Cabia às mulheres, sempre a elas, cuidar da casa, das crianças, dos animais e andar o dia para lá e para cá com um balde de água na cabeça.

E quando o dia de trabalho acabava, era preciso mais uma dose de muita vontade para aprender a ler na luz do candeeiro. Os dias, as noites, foram passando e esse pequeno grupo ficava cada vez mais animado. Todos os domingos fazíamos uma celebração sob um pé de umbuzeiro.

Uma chuva muito boa permitiu que nascesse uma melancia na roça de Adrião. Grande e vermelha diferente das melancias redondas e rosas que costumam nascer no sertão do Nordeste. Adrião quis que os amigos experimentassem aquela melancia, que era igual às que tinham em São Paulo, terra onde a maioria dos homens já tinha trabalhado. Ajudei o animado Adrião a repartir a melancia.

Era um domingo e conversamos sobre a leitura do Novo Testamento – João, capítulo 6, versículos de 1 a 15 – “A multiplicação dos pães”, que narra que Jesus pegou 5 pães de cevada e 2 peixinhos, abençoou-os e fez o milagre da multiplicação, alimentando mais de 5 mil pessoas com a sobra ainda de 12 cestos. A conclusão do grupo nessa reunião foi a de que Jesus deixou claro: a terra é farta e tem alimento para todo mundo. É só saber repartir, dividir em partes iguais, como fez Adrião com a sua melancia. No fim desse encontro, Dom José Rodrigues de Souza (1926-2012) chegou ao povoado para uma rápida visita.

Ele estava vindo de uma celebração e decidiu parar em ‘Genipapinho’. Os adultos contaram para o bispo que estavam aprendendo a ler. Ele foi conferir. Pediu que alguns lessem trechos da Bíblia. Entusiasmado, mudava a página e confirmava: aquelas pessoas humildes estavam lendo, de fato. Animado, me disse: “vou escrever para o professor Paulo Freire para convidá-lo a vir para Juazeiro e aqui administrar cursos, palestras”. Que destino trouxe Dom José ao povoado justamente naquele dia, naquele domingo em que celebrávamos a partilha da melancia?

Não sei quando Dom José Rodrigues escreveu, mas a verdade é que Paulo Freire e a esposa, dona Elza, foram para Juazeiro em abril de 1983. No dia em que chegaram, eu estava no programa feminino da rádio da cidade. Nesse dia, eu dava conselhos a uma mãe que escreveu contando que a filha queria ter relações sexuais. Eu dizia: a menina quer transar. Tem que explicar a ela as consequências de uma transa. Saí da rádio correndo e fui direto para a casa de Dom José Rodrigues. Cheguei e disse – Dom José, Paulo Freire já chegou? Ele disse: “é Paulo Freire quem quer te conhecer”.

Fiquei sem fôlego quando vi o professor descendo a escada, me estendendo a mão e dizendo: “minha filha é um prazer. E como você fala transar com tanta naturalidade. Isso é maravilhoso”. Eu estava encantada e fiquei olhando para a minha mão – que tinha acabado de tocar a mão de um gênio. Brincalhão, ele me disse: “Pode lavar a mão. Eu e Elza vamos ficar aqui por um tempo e vamos nos cumprimentar muitas vezes ainda”.

Uma fala de Paulo Freire que me marcou em Juazeiro: “quando eu achar que é normal a existência da fome, da miséria e da injustiça eu quero morrer, porque eu terei perdido toda a minha sensibilidade e sem a sensibilidade não é possível viver”.

E pensando na sensibilidade do professor e, claro, na determinação e fé do profeta do São Francisco, Dom José Rodrigues de Souza, decidi olhar na internet se tinha notícia de ‘Genipapinho’. No site da prefeitura de Campo Alegre de Lourdes, encontrei este trecho:

Na oportunidade, os moradores pediram ao gestor municipal ventiladores nas salas de aula, quites [sic] de iluminação e instalação de pontos de *wi-fi*. Além disso, houve a solicitação da construção de uma praça e obras de calçamento, logo a Prefeitura se comprometeu em elaborar projetos e viabilizar recursos para realizar essa demanda. (30/09/2018)⁵.

Não sei se a prefeitura fez o que prometeu, mas senti na reivindicação dos moradores dali a inquietação plantada desde 1980. De Paulo Freire, ficou a lição: “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. (Paulo Freire – Pedagogia do Oprimido). Quando penso naquele contexto, admiro cada vez mais Paulo Freire. Repartir, partilhar o saber.

⁵

<https://www.campoalegredelourdes.ba.gov.br/detalhe-da-materia/info/melhorias-garantidas-para-o-genipapinho/16787>

Virtudes do educador ou educadora

Paulo Freire

(Palestra que Paulo Freire fez ao povo, principalmente aos professores e alunos em Juazeiro, no dia 19 de abril, à noite).

Toda educação é política

Três anos atrás, quando estive em Juazeiro, falei sobre o “Autoritarismo” que tem marcado toda a História do Brasil. Disse, naquela ocasião, que não há, não houve e nunca vai haver nenhum tipo de educação que seja neutra. Não há educação neutra! Toda educação, não importa se ela seja educação que trabalhe ou que se trabalhe com crianças, com adolescentes, com adultos, em universidades, nas escolas, nas cidades, em comunidades eclesiais de base, não importa onde se faça educação, ela é sempre um ato político.

A questão é saber que política é essa; a questão é saber a favor de quem se faz política; a favor de quem; qual é o sonho, qual a política que a gente tem quando se faz educação?

Opção pela transformação da sociedade

Nesta noite, quero falar sobre as virtudes ou sobre as qualidades que deve ter o educador ou educadora, cuja opção política é a opção pelas classes populares ou pela transformação da sociedade. Gostaria, então, de falar de algumas virtudes que uma educadora ou educador que tenha esta opção deve criar através de suas práticas. A mim, não interessa comentar as qualidades de um educador reacionário, que também tem de ter suas qualidades. Deixo isso a um educador reacionário, para que ele tenha essa tarefa. A minha tarefa é estudar, pensar as qualidades ou as virtudes de um educador “progressista”. Portanto, não vou falar das qualidades que um educador reacionário deve ter, mesmo porque não tenho interesse em melhorar os educadores reacionários, em capacitá-los melhor. Pelo contrário, tudo o que eu pudesse fazer para que eles ficassem menos competentes, eu faria.

1 – Primeira virtude: coerência

Quando eu disser “primeira” virtude, não significa que seja a mais importante. É a primeira que vem à minha cabeça; depois a segunda, a terceira etc.

Chamaria de primeira virtude que um educador progressista deve criar, insistindo também no que eu entendo por “virtude” aqui. É uma qualidade que a gente cria na prática e não coisa abstrata, com a qual a gente nasce ou recebe de dádiva de outro. Não acredito nessas virtudes. Virtude, a gente cria ou não cria; a gente faz ou não faz, através da prática.

A primeira qualidade ou virtude de um educador progressista é a **coerência**, que ele ou ela deve ter ou deve procurar ter; coerência entre seu discurso e sua prática. Esta é uma qualidade que cai, assim, em cima da prática política. Por exemplo, não sei se vocês já observaram, neste País da gente, a distância entre o discurso do candidato e a prática do eleito. É uma coisa extraordinária; o sujeito se candidata a posto qualquer: vai para praça pública e tem um discurso maravilhoso, depois se elege e repete todas as sem-vergonhices que antes criticava quando candidato.

Acho que isso é uma coisa que se impõe a este País, aos homens e às mulheres deste País, aos educadores, aos políticos, é diminuir essa distância entre a fala e a prática. É isso que estou chamando de “coerência” que é uma virtude: viver esta coerência!

Evidentemente que eu jamais poderia pensar que a coerência fosse absoluta, que não houvesse, por exemplo nenhuma distância entre a fala e a prática. Isso é, inclusive, impossível. Seria, até, cansativo. A impressão que tenho é que a vida se tornaria antipática, monótona, se a gente fosse profundamente coerente. Inclusive a gente nem saberia se estava sendo coerente, porque a gente não tinha sido incoerente. A gente só sabe o que é coerência porque a gente é incoerente. A gente conhece uma coisa pelo contrário. O que é preciso é estabelecer os limites mínimos, em que a incoerência é possível, viável, porque – ao ultrapassar aquele limite – a coisa se torna inadmissível.

Então, esta qualidade da “coerência” eu acho, o educador progressista tem de criar, todo dia, na sua prática. Observem vocês um educador que faz um discurso progressista, que faz uma proposta progressista na sua sala, mas que na sua prática, por exemplo nega ao estudante o direito de ser curioso, de indagar, de perguntar; irrita-se porque o estudante revelou que não confiou muito nele, que não acreditou muito nele. Que direito tenho eu de pôr fora de uma classe, de um seminário, um estudante que faz uma pergunta para me testar, num país em que testar as pessoas devia ser até um ato rotineiro? O que tenho de fazer é provar ao estudante que entendi que ele quer me testar e eu me submeto ao teste para poder estabilizar, estabelecer, precisamente, minha força, minha autoridade.

Como é que explico minha propalada opção progressista se discrimino um aluno porque ele pensa politicamente diferente de mim? Afinal de contas, não vou dar nota à opção política dele. Então essa virtude da coerência, que implica um respeito sério, radical, e não manhoso, puramente tático ao educando, é absolutamente fundamental.

Outro exemplo: que coerência existe num jovem que trabalha numa comunidade eclesial de base, que se pensa um jovem progressista, mas que desrespeita totalmente a curiosidade popular, a sabedoria popular, e impõe à comunidade com que trabalha, manhosamente ou não, suas opções, suas preferências políticas ou não. Acho que isso é incoerente: trabalhar pela libertação através de procedimentos autoritários. É uma forma de negar o objetivo da libertação.

Acho que essa virtude da “coerência” é de uma importância tão grande que sobre ela a gente se obrigaria a pensar todo dia, a medi-la todo dia. Acho que a necessidade de encarnar essa virtude deveria criar em nós uma outra virtude. É uma coisa interessante como uma virtude vai criando outra. No fundo, há um tecido virtuoso, um tecido de qualidades que a

gente vai gestando e criando e que, através da prática que se criam, vão também nos transformando.

2 - Segunda virtude: auto-avaliação

Essa virtude da "coerência" termina por criar, na gente, uma outra virtude que é a de aprendermos, diariamente, a examinar a nossa própria prática. É a virtude da autocritica. Essa auto-avaliação diária é absolutamente indispensável a quem trabalha em educação. Eu diria: a quem trabalha em qualquer coisa.

Observem o seguinte: para que eu avalie a minha coerência diária, na minha prática, tenho de estar examinando, diariamente, os diferentes momentos da minha prática.

Por isso mesmo, sempre sugiro aos jovens com quem discuto, debato, trabalho no campo, que ao chegarem a casa, a não ser que estejam muito cansados, que - antes de dormir - peguem um pedaço de papel e registrem o que fizeram, o que mais os provocou naquele dia. Se não puderem fazer isso, toda noite, façam, pelo menos, duas vezes por semana. Vão registrando sua prática; vão pensando as suas próprias práticas. É nesta análise constante de pegar a prática na mão para compreendê-la que a gente vai, inclusive, descobrindo os momentos em que somos pouco coerentes.

Hoje ou ontem, num de nossos debates, lá no Centro de Carnaíba, houve alguém que disse que, de vez em quando, um de nós, na ação de educador popular, se surpreende sendo autoritário. Isso foi muito discutido na conversa com vocês, ontem e hoje.

Essa descoberta de que, de vez quando, um de nós se sente autoritário, se dá na medida em que somos capazes ou começamos a ficar capazes de nos examinar, o que às vezes a gente não gosta de fazer, mas é absolutamente necessário que façamos.

Então vejam: a virtude ou a qualidade da coerência termina gerando a necessidade de urna outra virtude, metódica. Esta segunda, que é exatamente a de nos examinar, a de tomar distância constantemente do que nós fazemos, para entender melhor o que nós fazemos na verdade. Quanto mais desenvolvo em mim a capacidade de pensar a prática que eu faço, que eu tenho, tanto mais é possível esperar que eu tenha práticas futuras melhores que as atuais.

Quer dizer: É aprendendo a criticar a minha prática de hoje que eu me preparo a ter uma prática melhor amanhã. Se não tomo conhecimento do que faço hoje, do que fiz ontem, possivelmente irei repetir amanhã os erros e os equívocos que cometi hoje, que cometi antes de ontem. E una das obrigações que a gente se impõe quando trabalha, quando educador, educadora, eu acho que é de nos aperfeiçoar.

3 - Terceira virtude: humildade

A virtude ou qualidade da coerência" que gera esta "observação" sobre nós próprios, termina gerando outra que, até, em certo sentido, deveria antecipar-se à primeira, mas no fundo elas não têm tempo determinado. No fundo, a gente vai ver que todas estas qualidades se vão

constituindo e amarrando umas com as outras, compondo a prática total da gente.

Esta outra virtude a que me quero referir, é exatamente a da "humildade", que é difícil de a gente viver ou encarnar porque há uma série de aparências de humildade que são profundamente in-humildes. Há uma série de expressões falsas de humildade que no fundo revelam uma vaidade enorme.

Por outro lado, é preciso ter cuidado para não confundir a "humildade" com a submissão. O sujeito deve ser humilde, mas deve ser forte. Humilde e manso não significa, porém, submisso e medroso. O que a humildade não aceita como convivente dela é a arrogância; é a auto-estimação, a supervalorização de si mesmo; é a minação dos outros; isso não pode.

A humildade no fundo, e mansa mesmo; não é brava, mas é valente. Ela não é espalhafatosa, mas ela é valente, é mansa. Ela não é arestosa. A humildade não tem quina. Você se encosta na humildade e não se fere e não fere ninguém, mas se afirma e não tem porque se esconder. Mas sem a humildade que te refreia, que te diz: cala, cala-te agora, escuta mais; sem a humildade que te diz, por exemplo, olha porque tu não ficas um pouco paciente, espera que o povo fale, não precisa que tu fales! Vocês já repararam como existe gente que não deixa ninguém falar? A gente conhece uma meia dúzia de pessoas que falam demais!

É preciso estar atento à curiosidade do outro, acreditar que o outro também pode fazer as coisas. Acho que sem isso é muito difícil que a gente cresça. Sem isso, não acredito na possibilidade de crescimento do conhecimento. Acho que há uma coincidência enorme entre uma posição humilde e o ato de conhecer, porque o conhecimento é de tal maneira histórico, de tal maneira varia no tempo, também, que não dá para quem procura o conhecimento, não dá nenhuma certeza absoluta. Acho que a pessoa humilde, inclusive aprende uma coisa fundamental que é a de não estar certa das certezas.

Acho que esta é uma das grandes coisas quando a gente alcança este momento em que a gente descobre que já não pode estar certo das certezas da gente. Aí a gente ganha uma enorme certeza que a certeza de não estar certo das certezas da gente. Aí, então, a partir desta certeza, a gente faz certezas. Mas quando a gente, in-humildemente se arvora na qualidade de proprietário de certezas que não mudam, então a gente começa a perder a capacidade de estar certo.

Veja bem, minha gente, ninguém nasce assim. Quero dizer a vocês que essas coisas que a gente faz, essas coisas a gente vive, essas coisas a gente encarna ou não, mas a gente não ensina essas coisas. A gente fala dessas coisas; a gente até discute essas coisas. A gente pode até fazer uma análise mais sofisticada dessas coisas. O que a gente não pode fazer é decretar que essas coisas passem a ser vividas. Mas o que a gente precisa é, se a opção da gente é uma opção de transformação, acho que, se a gente não cria essas virtudes, a gente contradiz a opção. Pode ser que eu esteja completamente louco, mas acho que não; também vejam bem: eu não estou pretendendo que a gente se transforme, e nenhuma dessas virtudes vai nos levar à santificação, não é isto? Mas vai levar-nos a um mínimo de seriedade na prática pedagógica

4 – Transar a tensão entre a palavra e o silêncio

Uma outra virtude que acho de fundamental importância para o educador progressista aprender; é muito difícil também; olhem todas essas virtudes não são fáceis de serem vividas.

Quero dizer a Vocês que minha posição aqui seria de um profundo farisaísmo se eu me pusesse diante deste microfone para dizer: Eu sou quem falo dessas virtudes, porque as tenho todas! Não, eu ando à procura delas através de minha prática. Uma coisa eu venho descobrindo na minha prática que elas se impõem na minha prática, mas de maneira nenhuma eu diria a vocês que eu as tenho já no meu corpo, na minha prática. Eu sei que elas são indispensáveis na minha prática, mas eu sei o que significa de esforço para criá-las.

Uma outra, dizia eu, como aprender a "transar" - acho este um dos melhores verbos que encontrei na nossa língua, depois que voltei do exílio. Acho esse verbo de uma riqueza enorme em qualquer das acepções que ele tenha!

Então, a virtude de que quero falar agora é esta de "transar" a tensão permanente que o educador ou educadora vive, a tensão entre a palavra e silêncio. Quando a gente vai aprendendo a fazer isso, de um lado é lindo, tem seu valor artístico, do outro é na verdade difícil viver.

A educação é uma prática profundamente tensa. Isso quer dizer: ela é cheia de momentos tensos. A tensão maior é a relação "educador-educando", que é a relação "autoridade-liberdade", que se vai desdobrando noutras tantas tensões, como esta: a palavra do educador e o silêncio do educando.

A dificuldade maior de viver esta tensão está, inclusive, na própria tradição autoritária brasileira, segundo a qual cabe ao educador falar e cabe ao educando escutar. Eu, por exemplo, experimento esta tensão constantemente na minha vida, na minha prática. Porque eu tenho, ainda, uma outra tensão dentro dessa mesma que resulta de uma certa expectativa que, às vezes, se cria em torno de mim, na qual se espera que eu fale realmente.

E eu chego e não falo, ou melhor, eu chego e tento, isso é difícil às vezes, testemunhar a quem está diante de mim, sem palavras, mas no meu corpo, no meu gesto, na minha atitude, testemunhar que a minha fala passa pela fala de quem me espera e não pelo silêncio de quem me espera. Foi isso que fiz, ontem, lá no Centro de Carnaíba, e no começo não fui bem compreendido. Eu sabia que não estava sendo compreendido. Desculpem-me, agora, eu dar um exemplo de mim mesmo; isso é pouco humilde, mas é pedagógico. Eu tive de enfrentar momentos tensos. Sabia que queria que eu fizesse um discurso, ontem, mas era preciso que eu testemunhasse, por questão de coerência com meu princípio, que a minha fala viria passando primeiro pela fala de vocês. Isso que não é fácil: viver essa tensão que é a palavra e o silêncio. E, sobretudo, encarnar esse momento de que a palavra do educador é necessária, ele não pode negar a palavra dele ou dela, mas há momentos em que o silêncio dele é absolutamente necessário para que a palavra do educando se constitua em liberdade na relação com a autoridade da palavra do educador. Isso vocês têm de viver nas áreas comunitárias com a mesma intensidade com que eu vivo fora delas. Essa virtude tanto se dá nas universidades como numa sala

como esta, em que estou apenas falando dessas virtudes, inclusive se eu não estivesse tão cansado como estou, eu já pararia essa conversa para fazer um papo geral com vocês...

Essa tensão é muito bonita: você resolver essa tensão na prática é treco lindo, porque no fim o pessoal apanha, o educador descobre, percebe e vê, afinal de contas, como foi pedagógico o silêncio do educador. É lógico que isso tem de ver também com as virtudes anteriores: tem de ver com a coerência dele, com a humildade dele... Você vê que uma virtude vai carregando-se, despejando-se na outra virtude ou na outra qualidade.

5- Busca de competência

Uma outra que é absolutamente fundamental é a da responsabilidade que o educador deve sentir diante do educando no sentido da sua formação permanente, quer dizer, o sentido da busca de sua competência.

Vejam vocês como a necessidade de ser competente, de ficar competente, tem necessariamente de gerar no educador uma outra qualidade, que é a do espírito de luta. Pode ser que alguém diga: por que Paulo Freire mete esse negócio de luta agora? - Exatamente pelo seguinte: no momento em que descubro, como educador, que para ser coerente com a minha opção política de transformação do mundo, de libertação, eu preciso ser competente na minha disciplina; eu preciso ensinar realmente. Se sou um professor de matemática sou obrigado a ensinar matemática: não posso, apenas, conversar fiado com os alunos; não posso, inclusive, discutir a política com os alunos, porque minha tarefa é ensinar matemática. Se sou professor de Biologia, tenho de ensinar Biologia. Se ou professor de História, tenho de ensinar História. Quer dizer : eu tenho um conjunto conteúdo mínimo que eu tenho de ensinar. Quando eu descubro isso, então descubro que a minha competência na disciplina que eu ensino se impõe a mim. Não posso ficar no "mas... mas", eu preciso na verdade conhecer. Sempre digo que a gente precisa conhecer pelo menos uns 50 centímetros mais além do programa mínimo que a gente ensina para poder fazer curvas e andar mais ou menos folgado dentro do conjunto temático que cabe à gente ensinar.

Quando descubro que preciso disso, eu me exijo a competência; eu começo a me perguntar, se sou um professor de Escola Pública, por exemplo, quanto é que eu ganho ' das Escolas Públicas ou do Estado, então o que me pagam é uma espoliação, e uma exploração, é uma vergonha nacional! Sou uma exceção, como outros professores de Ensino Superior, mas com o que ganha uma professora de 1 Grau neste País, com o que ganha uma professora de 2 Grau neste País, é muito difícil trabalhar a sua competência!

Então, para que realize a minha competência, preciso criar, também, em mim, a coragem de lutar e, com isso, fico coerente de novo. Eu descubro ou redescubro que, na verdade, sendo educador, eu sou político e preciso lutar, brigar. Ai se coloca a necessidade da luta pela Escola Pública melhor; eu até diria pela Escola Pública menos ruim. E a Escola Pública menos ruim, neste País, passa necessariamente de um lado pela formação permanente do corpo docente brasileiro, do outro implica a dignidade reconhecida por parte do Governo, do Professor, da Professora,

e passa também pelas instalações, pelas condições materiais em que trabalha a educadora. Portanto, lutar, brigar pela melhoria da educação neste País e não apenas pelo salário, se bem que a luta pelo salário já é o ponto de partida, inclusive, porque sem satisfazer o estômago, a gente não trabalha realmente. Mas a luta pelas melhorias da educação no Brasil se constitui, hoje, numa qualidade fundamental do educador. O educador precisa ter a coragem de lutar pelo cumprimento de um dever, que é o de melhorar a Escola Pública deste País.

6 – Pedagogia e "pedagogismo"

Uma outra qualidade fundamental, essa é mais sofisticada, intelectualizada, mas importante também, e a qualidade que a gente vai criando na gente, pela prática sobre a qual a gente pensa, a prática que a gente toma na mão da gente para conhecer melhor, a qualidade de reconhecer que a educação, por mais bacana que ela seja, por mais bem-feita que ela seja, desenvolvida, a educação não é em si mesma a chave para a transformação da realidade. Mas, se não é a chave, se não é o fator determinante da transformação da realidade, a educação tem um papel importantíssimo na transformação. Essa qualidade, que a gente cria na gente, com os anos, se a gente exercer uma reflexão crítica sobre o que a gente faz; essa qualidade evita que a gente caia, como educador, num equívoco, numa ingenuidade, que tecnicamente a gente poderia chamar de "pedagogismo".

O "pedagogismo" é aquela posição, segundo a qual a pedagogia resolve tudo. Você fala na seca do Nordeste e o pedagogo diz: "isso eu sempre digo!" O problema do Nordeste é a educação. Se educassem os nordestinos, eles saberiam como resolver o problema da seca". Esse pedagogismo dá seriedade, dá moral aos imorais, evita desfalques dos banqueiros, resolve tudo. Na verdade, a pedagogia não resolve nada disso.

Essa mesma ingenuidade, agora em linguagem mais misteriosa, a gente poderia dizer que é a mesma, segundo a qual a transformação da sociedade se dá dentro dos corações das pessoas, da amorização das pessoas, dentro dos corações bons, do amai-vos uns aos outros apenas. Isso tudo se dá dentro da cabeça da gente, quer dizer, no fundo, que a transformação da sociedade é uma questão de consciência moral. Esse negócio, essa posição, vem acompanhando os homens e as mulheres através do pensamento, da filosofia, através dos séculos. Essa aí é uma posição que a gente chama de "idealista", "subjetivista", segundo a qual a História se faz dentro da cabeça da gente, da consciência. Não é nada disso!

Há muita gente que ainda acredita que a única maneira de transformar o mundo é transformar, primeiro, os corações das pessoas, quer dizer, quando a gente tivesse uma humanidade inteirinha toda mudada, de coração bonitinho, aí então esta humanidade reunida, de coração bom, novo, transformaria o mundo e faria um mundo bonito, porque era uma humanidade bonita antes. Até hoje, na História, não aconteceu nenhum caso como este. E se a gente insistir, vão passar uns 5 mil anos para descobrir que não dá, a não ser que mude a qualidade de gente que é a gente. Acho que não dá tempo para mudar também. Os processos de transformação não são tão rápidos! Quer dizer: **O coração da**

gente muda quando a gente muda o mundo que cria o coração da gente; fora disso, não muda. A gente vai mudando com a mudança que a gente vai fazendo na realidade. É a mudança da realidade que muda a gente.

Por exemplo: vocês que vêm de centros urbanos, de São Paulo, Paraná, Minas Gerais etc. e têm outro padrão de vida, sua ducha fria e semelhantes, quando chegam aqui e vão para a zona rural, de repente vocês vão ter os primeiros impactos com as muriçocas, tremendas. Mas é a experiência, a prática do trabalho diário que o camponês roubado, espoliado, desconfiado - e eu acho que o nordestino está cada vez mais, com justiça, desconfiado; desta vez observei que a desconfiança amentou, os nordestinos inventarem um desconfiômetro dentro do corpo, com total razão, com relação a tudo o que é autoridade. Agora precisa dar um salto da desconfiança para a ação direta, para a ação política, deixar de votar nessa gente que não demonstrou confiança e votar noutros e observar se os outros vão repetir. Acho que essa ama do voto é fundamental!

Voltando à coisa! Vocês que chegam de fora, começam a experimentar-se na realidade dura e começam a botar fora da cabeça uma série de coisas que tinham posto na cabeça de vocês, antes de virem para cá. Por quê? - Precisamente porque a realidade concreta começou a reeducar vocês, quer dizer, é isso que ocorre, vocês começaram a mudar também. Por quê? - Porque a realidade começou a mudar vocês; foi a prática que mudou você e não o discurso. Essa é uma virtude ou qualidade que considero assim imperiosa do ponto de vista teórico e do ponto de vista prático, quer dizer, a gente no fim descobrir, perceber que as ideias são importantes, são fundamentais, mas as ideias se geram no cimento concreto, real, material e não ao contrário, quer dizer, não são as ideias que geram o material, mas o material que gera as ideias; o movimento é diferente.

Então, o papel da educação é indiscutível, é enorme, mas não é a educação a alavanca da transformação. Quando a gente percebe isso, em lugar de a gente diminuir o gosto de ser educador, até que a gente aumenta, porque a gente percebe o limite da gente e uma das coisas mais importantes que um profissional pode fazer é reconhecer e delimitar o seu espaço de ação e a instrumentalidade de sua prática. Não há prática, minhas amigas e meus amigos, que não esteja submetida a limite, e aprender a reconhecer os limites é algo absolutamente importante.

7- Aprender a ser "manhoso"

Há outra virtude que acho também fundamental, que é a virtude de aprender a ser "manhoso". Para mim, os oprimidos aprendem "manhas", sem as quais não poderiam sobreviver à violência dos opressores. Imaginem vocês o seguinte: se os nordestinos, há 486 anos, para falar só de nós e não dos que estavam aqui antes, se os nordestinos não tivessem inventado, neste período, uma série de "manhas" - agora há pouco D. José falava um pouco dessas manhas sem usar a palavra - se os nordestinos não tivessem aprendido a preservar-se vivos do ponto de vista do corpo, como era possível a existência dos nordestinos? - Quando falo "nordestinos", não estou pondo dentro deste universo as famílias ricas do Nordeste, porque estas vivem independentes; não precisam ter manha para

sobreviver. Elas têm dinheiro para viver. Elas têm outros "tipos" de manha!

Mas, eu digo, como era possível sobreviver com a guerra da violência imposta sobre eles nesta área do Brasil? O organismo não aguentaria, o que em ciência se chamaria "imunização", é o que chamo, em Ciência Política, em Sociologia, de "manha". Se não houvesse manhas", os oprimidos não sobreviveriam à violência dos opressores.

Se isso é verdade aos grupos sociais oprimidos, é verdade também em relação àquelas pessoas que, tendo aderido aos grupos sociais oprimidos, trabalham a favor deles e com eles, que no caso são os educadores populares que têm uma opção política que coincide com a da libertação dos grupos populares, se eles não forem também manhosos, o mínimo que acontece é perder seus empregos numa estrutura violentíssima como esta do Nordeste.

Como é que esta manha se expressa dentro, por exemplo, dos espaços institucionais, onde o educador trabalha? A manha se expressa na compreensão bem exata das relações entre "tática" e "estratégia". O sujeito toma a "tática" como sendo os "procedimentos" que ele usa para alcançar o objetivo dele que está na "estratégia". Então, se ele não estabelece, não reconhece os limites entre um e outro, o que exige dele uma certa "manha", o que com outra linguagem significa "jogo de cintura", o educador pode se perder e, pode pôr a perder a sua própria prática. E, quanto mais ele reconhece a relação entre tática" e "estratégia", tanto mais percebe que há limites para sua prática e que nem tudo o que ele gostaria de fazer, pode ser feito agora. Aí ele descobre uma coisa que eu também tenho descoberto: **que a melhor maneira que a gente tem de fazer possível amanhã alguma coisa, que não é possível de ser feita hoje, é fazer hoje aquilo que hoje pode ser feito. É fazendo o que hoje pode ser feito que eu possibilito que se faça amanhã o que hoje não se pode fazer. Mas, se eu não fizer hoje o que hoje pode ser feito, e tentar fazer hoje o que hoje não pode ser feito, dificilmente eu faço amanhã o que hoje também não pude fazer.**

Essa é uma sabedoria que cabe às lideranças, inclusive, em certo sentido, "adivinhar". Não é fácil estabelecer sempre o que você pode fazer e o que não pode fazer; de outro lado, muitas vezes, a gente usa esse princípio da impossibilidade de fazer alguma coisa como argumento constante para não fazer mesmo.

Vejam bem: de verdade a gente nem pode ficar demasiado aquém, nem demasiado além do limite estabelecido para fazer ou não fazer. Se você fica demasiado aquém do limite, obviamente que então o espaço que você deixou de ocupar, passa a ser ocupado pelo arbítrio. Se você vai demasiado além do espaço que você pode ocupar, então o espaço que você ocupou além daquele que você podia hoje, vai provocar uma reação violenta do arbítrio que pode, inclusive, devolver você demasiadamente aquém do espaço normal que historicamente era possível. Tudo isso não é fácil e a gente vê muito isso na luta política.

Estas qualidades, repito, não podem ser objeto de "presente", que o educador ganhou "de presente" essas virtudes ou que ele nasceu com elas; isso, não. Isso a gente cria ou a gente não cria. Há uma necessidade imperiosa de persistir e jamais desistir, o que também não é fácil.

8 - Fugir de duas tentações

Apesar de tudo, a necessidade que a gente tem de fugir da tentação, que a gente sempre tem como educador. A gente sempre é perseguido por duas tentações, uns mais outros menos, de que vou falar agora, variam de espaço para espaço.

a) De um lado, a tentação de cair na desesperança: o educador trabalha 1 ano, 2, 4, 5, 10 anos e não vê quase mudança nenhuma. Então ele é tentado a perder a esperança, a se desesperançar.

b) E se ele cai na desesperança, o que se segue imediatamente, simultaneamente a desesperança, é uma necessária atitude cínica, em que o educador diz: "depois desse tempo todinho, eu cumpri o meu dever, agora eu vou tentar ganhar um pouco de dinheiro, porque até então não ganhei. Os mais jovens que chegam e que façam isso". – Aí cruza os braços...

Essas duas tentações - a da desesperança e a que se segue, a do cinismo - são tentações que perseguem o educador constantemente. Mas é preciso, diante delas, e eu estou usando a palavra "tentação" sem nenhum sentido mágico, mas num sentido bem concreto, o que é preciso da parte do educador, se ele desde o começo lutou para criar coerência, de ser humilde, de estar atento, de estar politicamente claro em relação ao seu sonho, é mais fácil superar estas tentações e continuar persistindo na luta, reconhecendo, porém, que a sua luta, mesmo que não seja a chave da luta maior e para a luta maior, ela faz parte importante da luta maior.

Bem, minhas amigas e meus amigos, realmente, para continuar lutando, eu vou ter de parar memo. Quero agradecer muito o silêncio que vocês fizeram e, hoje, a gente viveu a tensão diferentemente, quer dizer, eu realmente falei; e meio desorganizado. Muito obrigado a você e até outra vez em que eu possa mais do que falar, ouvir também. Muito obrigado!

Entrevista: Professor Paulo Freire fala no semeando a verdade.

Pedimos a Paulo Freire que falasse aos ouvintes do Programa "Semeando a Verdade", na Emissora Rural, Petrolina-PE, dia 22 de abril, sobre o que achava mais importante de se fazer neste tempo que estamos vivendo. Eis o que falou:

Antes de começar a dizer qualquer coisa, nesta conversa através do rádio, gostaria de dizer da satisfação que tenho, já que não posso aparecer a todos e conversar com todos os animadores que também não puderam vir até aqui, de ir, até eles através do rádio, da minha voz, da minha esperança e com a minha vontade de luta para mudar este País.

Foi-me pedido que dissesse a todos vocês alguma coisa que me pareça importante, na luta da gente como educador. Eu vou me referir a uma dessas coisas importantes que a gente deve fazer, ou, pelo menos, tentar fazer, apesar de todas as dificuldades que se possam ter para cumprir essa tarefa da gente: educador popular.

Vou tentar usar uma fala bem concreta, sem palavras difíceis. Eu acho que todos nós, eu aqui falando com vocês e vocês, aí, nas suas casas,

no campo, já tivemos, alguma vez, ou até mais de uma vez a experiência de, saindo de casa cedinho, de repente começar a ver as árvores, a montanhazinha, o rio, o Velho Chico, a gente percebe que estas coisas começam a ficar encobertas por uma NÉVOA. A gente olha de longe e vê as árvores encobertas. Vê muito mais uma sombra. A gente sabe que aquilo é uma árvore, pois já se acostumou a ver aquilo por anos e anos, mas é diferente. Quando não tem névoa, a gente vê a árvore inteira, aberta, quase falando com a gente. Quando a névoa vem e fica encobrindo a árvore, a gente vê de longe mais uma sombra desenhada dentro da névoa.

Névoa que esconde a realidade

Vocês podem estar dizendo: O que Paulo Freire está querendo dizer com esse negócio de névoa, essa fumaça cobrindo as coisas? O que tem isso a ver com educação?

Eu agora vou tentar explicar o que é isso, o que quero dizer com esse negócio de névoa. Veja bem. Essa névoa que se forma na natureza, encobre a árvore, encobre a estrada, encobre o rio, encobre os animais, mas não encobre definitivamente, de tal maneira que, ela vem e fica por cima das árvores, mas deixa que a gente descubra que há uma árvore ali, dentro da névoa. É uma coisa que fica sendo e não sendo. É e não é. Se vê o vulto. De longe a gente olha e vê o vulto da árvore. Mas não vê o vulto como o vulto é. A gente sabe que tem um vulto por de trás. E quase como mal-assombrado, que é e que não é.

Meus amigos, da mesma forma como a gente vê isso na natureza, na vida da gente, na sociedade, a gente precisa olhar a realidade que está escondida pela névoa. A gente precisa compreender o mundo dos políticos deste País, os políticos dos diferentes partidos. A gente precisa entender porque a minoria, os grupos de minorias têm o poder fantástico de mandar nas maiorias todas. A minoria tem o poder do dinheiro, tem o poder da polícia, tem o poder das leis, tem o poder da televisão, tem o poder das rádios, dos jornais, o durante muito tempo, no Brasil, teve também o poder da Igreja, mandando nas maiorias e as maiorias são exatamente o povão.

E o que essa forma de mandar na sociedade, de dirigir o poder econômico, de dirigir a produção do País, de comandar, cria como ideias em todos nós? Essa forma de poder das minorias e a maneira como exercem esse poder na sociedade criam névoa também sobre a realidade. A gente olha a realidade e vê os vultos da realidade mas não vê a realidade tal qual ela funciona. A gente tem a impressão de que está conhecendo a coisa, mas não está conhecendo a coisa, porque a gente está vendo o vulto da realidade e não a realidade como ela é.

Deus usado para oprimir o povo

Vou dar um exemplo concreto: A gente pensa na vida de gente. Vamos dizer: eu nasci em Juazeiro, e vejo que meu bisavô foi explorado no campo. meu avô foi explorado no campo, meu pai foi explorado no campo, eu sou explorado no campo, meus filhos estão sendo explorados no campo e meus netos vão ser explorados no campo. Até quando, meu Deus! Agora vamos ver o que a névoa do poder cria na gente. Olhamos

para isso tudo, conversamos em casa com a mulher, com os filhos sobre essa experiência de tristeza: uma geração atrás da outra pagando, sendo explorada, sofrendo. A quantidade de gente que não tem dentes neste País é escandalosa, a quantidade de gente que não tem direito a um médico, a uma sepultura quando morre. Pensamos e conversamos sobre todas essas experiências de tristeza, de sofrimento. E quando pensamos nessas coisas, aí a gente diz: não tenho que me preocupar com isso, porque isso é vontade de Deus. Essa é a névoa que esconde, que deforma a realidade.

E vamos mais longe pensando: Deus que é o Pai da gente está provando a gente. Essa é a provação que eu trouxe para o mundo para poder receber a minha parte no outro mundo. É a última provação que Deus me dá. Ele quer saber, no fundo, se eu o amo mesmo. Por isso ele me prova.

Ora, meus amigos, isso é a névoa que encobre a realidade das coisas. Essa névoa encobre a verdade. Aparece aí, apenas, uma sombra que é essa ideia que Deus prova a gente.

Agora uma pergunta a vocês: todos vocês que estão me escutando são filhos, ou são pais. Será que um de vocês teria coragem de, tendo 5 filhos, sacrificar 4 para que um vivesse bem? Será que alguém de vocês teria coragem de provar os outros 4, para saber se queriam bem a vocês, fazendo com que eles trabalhassem o dia todo, de manhã, à tarde e à noite, para que um só não trabalhasse de jeito nenhum e vivesse do trabalho dos outros? Não tenho dúvida nenhuma de que nenhum de vocês faria tal coisa. E não fariam porque vocês mesmos diriam: sou pai, sou mãe e amo do mesmo jeito a todos. Ora, como é então que Deus que é muito mais pai que qualquer um de nós, poderia fazer isso com vocês e deixar que uma minoria neste País tivesse tudo o que quer? Não dá para entender! É claro que para essa minoria que manda no País, quanto mais as maiorias acreditarem que é assim que Deus fez coisas, tanto mais dormem em paz. Mas é preciso fazer com que esse povo comece a dormir mal.

Como tirar a névoa de cima da realidade

O que podemos fazer, como educadores, para que a minoria durma mal? É começar a tirar a névoa de cima da coisa concreta. É começar a procurar compreender, com os lavradores, com os companheiros e companheiras nossas, compreender de forma diferente como é que a gente vive e entender a razão que está por trás da nossa exploração. A nossa exploração é a razão da alegria de quem explora. É preciso compreender isso para a gente se mobilizar, se organizar e para a gente votar melhor. -

É preciso acabar com uma outra névoa que os dominantes põem na cabeça dos dominados de que os dominados devem ser fiéis aos dominantes. Então, um dia, o chefe do distrito põe na cadeia uma pessoa que está começando a tirar a névoa, está começando a compreender a coisa. A polícia chega e prende. No dia seguinte, o chefe político vai a cadeia, solta a pessoa que foi presa e daí por diante essa pessoa, por uma questão de lealdade, continua votando nele. Há outros que compram, dão dinheiro. A minha sugestão aos educadores e aos camponeses é: recebam o dinheiro e votem no contrário e durmam em paz. Isso é que é moral.

Lutemos, meus amigos, para tirar a névoa de cima da realidade brasileira o de dentro da cabeça da gente.

Isso é o que eu tinha para dizer a vocês, chamando a atenção para o papel do educador popular na ajuda que se pode dar para a transformação deste País. É tirar a névoa de cima da realidade e mobilizar o povo para votar melhor. O que significa votar melhor? Significa votar contra aqueles que oprimem e exploram desde que este país foi inventado.

Era isso que queria dizer a vocês, é isso que digo nos meus livros, é isso que digo fora do Brasil e por onde ando. Faz muitos anos que eu não aceito que ponham névoa na minha cabeça. A minha briga é tirar essas sombras de cima da realidade nossa.